

A MULHER INDÍGENA KAYAPÓ (1)

Na mitologia Kayapó, nos relatos que os indígenas consideram pragmáticos, desde os tempos antigos, destaca-se a presença de homens e mulheres como personagens fundamentais para a formação da sociedade humana. Todos desceram do céu pelo buraco do tatu, e os dois sexos, em pé de igualdade tiveram que se adaptar à "nossa terra", inhõ puka. Do ponto de vista da cultura, porém, das atividades, especialmente, mas também das representações, os dois sexos diferem muito.

Nos mitos, as atividades xamanísticas e guerreiras, os caçadores, os inimigos, os gigantes e monstros, os grandes oradores, são de sexo masculino. Sendo assim, os heróis culturais ocupam um espaço importante. Mas o mito mais contado entre os Kayapó e mais apreciado é o da Origem das Plantas Cultivadas, trazidas por Nhiokbôkti, a estrela do céu que além de muito bonita ensinou aos índios a cultivar a roça, a plantar mandioca e batata doce e outros produtos, estabelecendo de maneira inequívoca a relação entre as mulheres e a agricultura, a atividade econômica a mais importante na sociedade Kayapó. (2).

No mito de origem do milho, é uma velha índia que descobre o grande pé de milho, indicado a ela por uma cuica-de-água, à margem de um rio. A velha transforma o milho em massa e em beiju, altamente apreciado pelos homens que o degustam, pela primeira vez, sentados no Conselho, de noite, no meio da praça.

Mas tudo não é harmonia, as tensões da vida psíquica, a competição entre os sexos também aparecem nos mitos com frequência. A situação mais radical encontra-se no mito das mulheres que viviam isoladas dos homens, em uma aldeia apenas habitada por elas. Elas eram grandes e fortes, guerreavam e caçavam e desprezavam os homens, considerados fracos. Uma história que pelo menos pode deixar a todos atentos e pensativos sobre os atributos impostos pela vida em sociedade a cada sexo. Numa outra circunstância, descontentes com os homens que haviam matado uma an-

ta, amante das mulheres, elas se jogam na água do rio, e se transformam em peixes para o desespero de seus companheiros. E finalmente, já em tempos históricos, no mito sobre a origem do Homem Branco, levadas por um índio aculturado, em barco a motor, rio abaixo, para o mundo civilizado, elas procriam, têm muitos filhos, que por sua vez deram origem às cidades de Belém, Brasília e Rio de Janeiro, acontecimento que os fascina e aborrece até hoje (3).

Esta forte presença da mulher Kayapó se manifestou, novamente, de forma repentina, em março de 1989, em Altamira, durante o Encontro dos Povos Indígenas do Xingú contra a construção das hidrelétricas de Kararaô e Babaquara. Tuirá, assim como os homens de sua tribo, protestou, mas à moda feminina. Ela encostou o seu facão, instrumento de trabalho cotidiano, junto a face do representante da Eletronorte, cuidadosamente, com muito charme e força de sedução, foto histórica, publicada em jornais e revistas do país e no estrangeiro (4). No momento das grandes decisões, habituadas a serem líderes das casas e chefe da sociedade de mulheres, elas possuem autonomia e assim abrem o seu espaço, se posicionam e falam sob o olhar respeitoso da comunidade.

Aliás, é curioso lembrar que os fotógrafos não-índios que participaram do Encontro em Altamira, e que apenas fotografavam os homens como Paiakã, Raoni, Sting e outras vedetes, passaram de repente, após a intervenção de Tuirá, a se interessar também pelas mulheres indígenas presentes à reunião.

Outra atividade, também muito apreciada em Altamira, diz respeito à pintura corporal de genipapo, prerrogativa das mulheres. Este é um aspecto da cultura Kayapó pouco desenvolvido ou percebido como fundamental, na bibliografia sobre estes índios, apesar de sempre muito fotografado e citado. A pintura corporal possui função simbólica e de comunicação das mais importantes, sendo as mulheres guardiãs e responsáveis pela execução e transmissão desta "linguagem" visual, altamente estruturada, código que se relaciona tanto à esfera da organização social, como da socialização das crianças, e ainda aos padrões estéticos Kayapó

e a sua identidade tribal (5) (6).

Ainda, com relação aos cuidados do corpo é interessante assinalar que as mulheres cuidam dos costumes alimentares e respeitam os tabus e são, de modo geral, exímias conhecedoras das plantas utilizadas nas sessões de cura.

Seja como for, entre estes dois polos (as histórias de antigamente e a política das barragens, hoje) desenvolve-se a vida cotidiana de uma aldeia e de seus habitantes, assim como o ciclo de atividades sazonais e cerimoniais. Na memória coletiva da comunidade estará sempre presente também a história do seu povo: as migrações antigas e suas sucessivas paisagens, as guerras intratribais, as alianças e cisões dos grupos. E com maior intensidade, nestes cinquenta últimos anos, o processo acelerado de mudanças devido ao contacto cada vez mais intenso com a sociedade envolvente. As mulheres têm participado intensamente de cada um desses momentos.

Entre os Kayapó, a aldeia tradicional é de forma circular, sendo que o anel das casas, onde transcorre a vida doméstica, tem sido visto como o mundo feminino por excelência. Nestas grandes residências vivem famílias extensas, formadas de várias famílias nucleares relacionadas pelas mulheres. Assim, uma mulher nasce, cresce, procria, vive e morre na mesma casa. Isto lhe assegura uma grande segurança psicológica e material. Os homens, quando casam, passam a viver na casa da esposa, onde eles são, durante um certo tempo, considerados estranhos ao grupo doméstico, apesar de muito bem vindos. Por outro lado, um homem sempre visita a casa de sua mãe e irmã com quem guarda fortes laços afetivos e cerimoniais. Mais tarde ele transmitirá seus nomes aos filhos de sua irmã, e os bens simbólicos herdados, (nomes, prerrogativas rituais, ornamentos etc.) se transmitem através das casas e das mulheres, suas donas. Sem grandes rupturas, a vida das mulheres divide-se em dois grandes períodos, antes e depois do primeiro filho (Kurererê/Mêkrare). No dia a dia elas se ocupam essencialmente da roça e das tarefas domésticas assim como da coleta de palmitos, frutos e côcos do mato. Também procuram a água do rio e a lenha para o fogo. Fiam o algodão, nos

momentos de descanso e ainda passam horas a fio pintando o corpo dos filhos, maridos, as vezes de um irmão e delas mesmas. As mulheres se pintam entre si, reunidas em assembléias, sendo que as esposas dos chefes da aldeia são as chefes das sociedades de mulheres. Estas líderes controlam as atividades femininas, distribuem as tarefas e os alimentos e, supostamente alegres, animam as reuniões femininas.

As mulheres participam, em pé de igualdade com os homens das grandes cerimônias tribais, a presença masculina sendo apenas mais acentuada nestas ocasiões, como por exemplo nos jogos esportivos, na atuação dos mascarados ou no desempenho de um xamã ou chefe cerimonial.

Dizem que antigamente, quando os homens praticavam assiduamente a arte da guerra, elas ficavam, às vezes, meses a fio, quase que sozinhas na aldeia, terrivelmente preocupadas. Muitas vezes, durante uma incursão por parte de inimigos, elas fugiam com os filhos no mato ou eram presas e levadas para outras aldeias. Existem muitas histórias de mulheres que conseguindo fugir, encontravam finalmente o caminho de retorno. Outras casavam na nova aldeia e eram às vezes raptadas novamente por um terceiro grupo. Algumas mulheres também costumavam acompanhar os guerreiros em suas expedições. Segundo alguns relatos, podia acontecer que os homens voltassem à aldeia não vitoriosos de uma expedição guerreira, havendo perdido mais da metade de seu contingente.

Neste aspecto é fácil imaginar que a vida mudou bastante, hoje. Os índios "pacificados e aldeados" são também mais sedentários, vivem perto do posto, da pista de pouso, do rádio e da enfermaria, às vezes da escola. Se deslocam menos, através de longas viagens pelo território, e isto é ainda mais verdadeiro para as mulheres.<sup>(7)</sup>

Mas a atitude e o comportamento irrequieto dos homens motiva estes a sair constantemente da aldeia. Viajam para as cidades, fazendas e lugarejos perto das estradas que recortam seus antigos territórios. Introduzem garimpos e vendem madeira dentro de suas Reservas. Ativos, sedentos de novos conhecimentos,

embriagados pela experiência incrível de uma liberdade individual quase que ilimitada e preocupados em obter bens de consumo e controlar transações comerciais e financeiras, muitos jovens vem participando do desenvolvimento predatório, modelo prevalescente na região Sudeste do Pará. Participam, também, de atividades políticas e públicas, nas grandes cidades, em momentos históricos importantes. Enfim, são eles que falam o português e manuseiam o dinheiro, que conseguem registro e documentos para se deslocarem e terem o conhecimento do mundo de fora.

Estas novas modalidades, porém, não levam os Kayapó a desprezarem a sua cultura ou ao abandono de suas instituições, muito pelo contrário, elas são de importância central para a resistência e conquista do mundo de fora. Os grandes rituais são celebrados com muita ênfase, justamente porque o processo acelerado de mudanças afeta profundamente a organização social e a visão de mundo destes índios, assim como a sua auto-imagem. Nesta grande passagem, o papel da mulher é ainda incipiente. Ela não possui as condições concretas de pensar objetivamente a sua nova situação. Por isso ela fala cada vez mais através da pintura corporal, mundo simbólico, código que ela domina e preserva. Mas a pintura corporal está intimamente ligada ao mundo de dentro e não possui possibilidades de trazer qualquer benefício quando colocado no contexto do mundo de fora (como seria o caso do artesanato das mulheres Carajá, por exemplo). Os homens apoiam esta atividade "porque mulher sabe e gosta de pintar", porque eles se orgulham desta arte na qual elas excelem e porque acabou tornando-se a marca por excelência da humanidade e identidade Kayapó.

Eu me lembro que o Frei José Caron, responsável, em 1964, pela recuperação dos índios Kayapó-Xikrin, que estavam à beira do colapso, disse-me que foi graças às mulheres, que exigiam o retorno dos homens à aldeia, que ele conseguiu recuperar muitos índios que haviam saído para trabalhar entre os castanheiros da região, aliás em condições sub-humanas. Foram também as mulheres, naquela época, que junto com os homens, participaram ativamente da construção da pista de pouso, carregando a pissara e exigindo ainda a reconstrução da casa dos homens que havia sido abandonada.

Hoje, porém, tudo bem pensado, elas ficaram relegadas a uma posição marginal. Elas trabalham muito mais que os homens que não guerreiam mais e possuem o machado de ferro, quando não é o dinheiro da venda da madeira. Elas continuam com o trabalho da roça, carregam os alimentos e recolhem a lenha para aldeias com grande contingente populacional. Mesmo a nível das relações entre grupos Kayapó, como não há regras exôgamas, as mulheres não são importantes nas relações externas, como ligação entre grupos.

A troca ritualizada de casais que se fazia antigamente e controlada por elas, hoje é desprezada. Os homens jovens preferem as relações de semi-prostituição fora da aldeia, trazendo para dentro doenças venéreas e o hábito do álcool o que pelo menos para os Kayapó era culturalmente desconhecido. Tudo isso não traz nenhum benefício para as mulheres que recebem, passivas, o impacto destes distúrbios. Assim a defasagem entre homens e mulheres, na situação de contato, vai se alargando cada vez mais. Cabe ainda ressaltar que a atuação dos indigenistas e daqueles que apoiam a causa indígena também tem sido no sentido de uma maior comunicação com os homens do que com as mulheres. Elas, por outro lado, participam pouco nas questões relacionadas aos projetos de desenvolvimento, seja com relação à saúde, à educação ou à atividades econômicas. Sendo assim, a função das mulheres chefes também se ressentem desta situação.

Entretanto, dentro da aldeia, a responsabilidade das mulheres aumenta cada vez mais. A explosão demográfica dos grupos Kayapó sobrecarrega a mulher, tanto pelas maternidades sucessivas como pelo acúmulo de trabalho agrícola e doméstico. Elas não praticam mais o controle de natalidade e as casas estão sobrepovoadas e poluídas. Esta situação é difícil e complexa e a mulher índia não tem encontrado espaço nem dentro nem fora da aldeia para colocar estes problemas dos quais ela se ressentem profundamente. Elas estão perdendo, até certo ponto, o seu espaço próprio e a sua autonomia nas atividades econômicas. A educação dos filhos está se tornando também problemática e a vida comunitária se ressentem de todos estes impactos. O mais que as mulheres podem fazer é reclamar, mas não são reivindicações articuladas com poder de



pressão. A situação de contato é altamente negativa dentro da aldeia: são introduzidos uma série de hábitos, mesmo alimentares, que em nada beneficiam a população como um todo e ainda menos as mulheres e seus filhos pequenos.

Mas uma reflexão mais objetiva e atualizada por parte das mulheres, sobre elas mesmas, e os acontecimentos que moldam suas vidas, apenas poderia ser iniciada por elas.

No momento atual, para as pessoas de fora, o problema poderia ser discutido com os homens e as mulheres indígenas em conjunto, mesmo se o homem por falar melhor o português e conhecer melhor situações diferenciadas, seja o interlocutor principal, porque afinal de contas ele é o primeiro interessado no bem estar da comunidade, onde velhos e mulheres ainda ocupam uma posição central, aquela que lhe permite, paradoxalmente, se manifestar com vigor frente ao mundo de fora.<sup>(8)</sup>

Deptº de Antropologia

Lux Boelitx Vidal

(1) Trabalho desde 1969 com os Kayapó-Xikrin do Cateté, uma sociedade indígena do Brasil Central, do tronco linguístico Jê. Publiquei uma monografia sobre este grupo (Morte e Vida de uma Sociedade Indígena Brasileira. Hucitec/Edusp-1977) e que apesar da ênfase analítica dadas às categorias de idade, se revelou um estudo de gênero também, pela separação de capítulos por sexo, mostrando a oposição e complementação das atividades masculinas e femininas, assim como os processos diferenciados de socialização para meninas e meninos. O íntimo interrelacionamento entre os gêneros aparece essencialmente na vida ritual e nas atividades estéticas.

Nos meus trabalhos mais recentes me ocupo de uma análise exaustiva do valor das mulheres a partir do estudo da pintura corporal, relacionando assim, em outro nível, mais abrangente, estudo de gênero (enquanto uma nova construção teórica) e atividades estéticas.

Outrossim, a nova situação na qual se encontram hoje os Kayapó do Brasil Central, me levou também a dar maior atenção a questão da mulher, no processo do contato, de mudanças drásticas, tanto para fora como para dentro do grupo. Se o primeiro estudo mostra a sociedade em estado de equilíbrio - apesar das assimetrias e hierarquias internas - segundo uma interpretação global, holística e sistêmica, a segunda abordagem dá maior ênfase às rupturas, ao exame crítico das relações sociais e ao discurso cotidiano das mulheres e dos homens, enquanto sujeitos falantes, sobre suas vidas e preocupações.

(2) Hoje, mais sedentários e com uma Reserva demarcada, os homens se dedicam mais a agricultura do que tradicionalmente quando prevaleciam a caça e a guerra. Isto causa aos homens um problema: como evitar cair no mundo das mulheres, especialmente em uma sociedade onde a divisão sexual das atividades (e assim também das representações) é tão marcada. Por esta razão, eles constroem uma agricultura masculina, abrem roças maiores, às vezes coletivas, são tão abertos para introduzir modelos de fora (plantação de cacau, pecuária, tratores, agrotóxicos etc.) apenas para se distinguir das mulheres. Por exemplo, as mulheres preparam a mandioca brava no tipiti de torsão, os homens usam a prensa sertaneja. É também



uma das razões que os levam a preferir atividades extrativistas, como a venda de madeira e o garimpo.

(3) Os mitos são ainda uma fonte de análise pouco explorada para o estudo de gênero, mas rica em dados sobre as representações dos papéis sexuais em uma sociedade.

(4) Revista Manchete nº 1.925 - Rio de Janeiro 11-03-89 "Amazônia, os índios vão à guerra".

(5) Ver para a pintura corporal, os trabalhos de Lux Vidal, Regina Polo Müller e T. Turner. Um bom resumo destas abordagens encontram-se em "A Pintura Corporal" SUMA ETNOLÓGICA BRASILEIRA. Vozes/Finep. Berta Ribeiro (eda.) vol.III. 1986.

(6) Os homens executam os artefatos de plumária, também conhecidos pelo mundo afora, pela sua beleza monumental. Aliás, são os artefatos masculinos que acabam chegando às prateleiras dos museus, porque a sua arte consiste em objetos transportáveis, móveis. As mulheres pintam os corpos, sendo assim, as suas obras, para o mundo de fora, apenas aparecem em fotografias, enquanto arte ilustrativa, decorativa.

A pintura corporal (comunicação visual) opõe-se também a oratória masculina (comunicação verbal). Estas duas atividades são altamente valorizadas ética e esteticamente.

(7) Tenho a impressão que elas apreciam pelo menos estas mudanças em suas vidas.

(8) Os Kayapó, que aparecem sempre na mídia, são considerados bem sucedidos, até certo ponto, em sua luta de resistência frente à sociedade nacional. Mas, por outro lado, o custo é alto para todas as comunidades. Os estudiosos, até certo ponto, tem-se concentrado preferencialmente, nas relações assimétricas e de poder existentes entre as sociedades indígenas e a sociedade envolvente e pouco se tem analisado os efeitos destas relações, em contínuo processo de transformação, nas instituições e comportamento nativos.